DA POÉTICA DA JANELA AO OLHO DA RUA: A FORMAÇÃO
DA NARRATIVA JORNALÍSTICA

Jeana Laura da Cunha Santos¹

Resumo: Este ensaio, dividido em duas partes, procura elucidar algumas transformações na maneira de olhar para os acontecimentos da cidade e que, conseqüentemente, traria modificações na escritura que se processaria sobre tais eventos. Para tanto, utiliza a *janela* como metáfora do olho que enxerga de uma perspectiva imóvel e a *caminhada* pela cidade como metáfora do novo texto caleidoscópico que passaria a circular no veículo móvel do jornal: a crônica. Parte-se da ideia de que o primeiro texto representa o escritor confinado em seu gabinete e o segundo o surgimento do *flâneur* que mergulha na cidade correndo riscos. Tal tipo, descrito por Walter Benjamin no contexto parisiense e por João do Rio no Brasil do começo do século XX, seria, no entendimento da autora, a prefiguração do cronista e depois do repórter das massas.

Palavras-chave: jornalismo; literatura; história; crônica.

Abstract: This essay, divided in two parts, looks for to elucidate some transformations in the way to look at for the events of the city and that, consequently, it would bring modifications in the writing that it would process about this events. For this, it uses the *window* as metaphor of the eye that observes through of the a immovable perspective and the *walked* for the city as metaphor of the new kaleidoscope text that would pass to circulate it in the mobile vehicle of the newspaper: the chronicle. It suggests that the first text represents the writer confined in its cabinet and the second the *flâneur* that plunge on the city tolerating the risks. This individual, described for Walter Benjamin in the parisian context and for João do Rio in the Brazil of the start of century XX, would be, to the author, the precursor of the chronicler and after the reporter of the masses.

Keywords: journalism; literature; history; chronicle.

¹ Jornalista formada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre e Doutora em Literatura e Pós-Doutora em Antropologia Social também pela UFSC. Como jornalista, trabalhou como apresentadora e repórter no SBT-SC, RBS TV e TV Barriga Verde. Foi assessora de imprensa junto à Associação dos Professores da UFSC e Secretaria da Educação do Estado de Santa Catarina. Atuou como professora na Unisul, Estácio de Sá, Ielusc e UFSC. Atualmente, desenvolve estudos de pós-doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC. É autora dos livros *A Estética da Melancolia em Clarice Lispector* (Edufsc), *O colecionador de Histórias Miúdas: Machado de Assis e o Jornal* (Insular) e *Crônicas das Cidades Partidas* (Edufsc), esse último, ganhador do prêmio Maura de Senna Pereira. E-mail: jeanasantos@terra.com.br

Considerações Iniciais

Se a poética tem a propriedade de ressignificar determinados elementos já dados atribuindo-lhes novos sentidos, pretendemos neste artigo utilizar o espaço físico da janela como metáfora do olho do literato que escrevia a partir de um enquadramento imóvel, protegido das intempéries da rua e assistindo aos acontecimentos que se processam na cidade como quem folheia um livro dentro do gabinete burguês.

Em contraposição a este caráter de imobilidade e proteção do escritor que observa o que se processa na urbe mantendo uma distância segura, usaremos a metáfora da caminhada para ressignificar este lugar de quem “lê” a cidade como se fosse um livro. A partir da mobilidade física de quem adentra no espaço público toda uma nova formatação da linguagem que agora se fragmenta, perde a linearidade e insere-se no veículo também móvel do jornal. Do escritor que olha para o mundo com se tivesse à disposição um binóculo de teatro (BENJAMIN, 1994) passa-se ao caminhante que se arrisca por ruas, que interage com os tipos imersos na multidão, ele próprio configurando-se como tal. Tal linguagem fundaria a crônica e o repórter de rua.

Intitulamos a primeira seção deste artigo de “a poética da janela” numa alusão aos escritores que escreviam a partir deste distanciamento em relação à rua, muito embora já comesçassem a perscrutá-la em seus fluxos e refluxos de acontecimentos e interações. Já a segunda seção, que analisa a transposição do literato do espaço privado ao público, e suas novas derivações narrativas, nomeamos não por acaso de “a poética da caminhada”.

Esperamos demonstrar o quanto a imobilidade/deslocamento

no espaço pode forjar a linguagem que se processa em um determinado tempo. E não só com relação à forma como tal linguagem se constroi, mas também no que ela tematiza. No primeiro caso a janela é metáfora da forma de olhar, mas também é o assunto que os literatos elegem nos registros que aqui selecionamos. É o mesmo caso da imersão na rua que tanto pode configurar uma escrita de passagem como a própria cidade e seus aspectos adentram no texto como temática recorrente aos cronistas.

A Poética da Janela

Antes da descoberta da rua, era pela janela da casa que os escritores observavam a vida lá fora. A intenção era não se arriscar, manter-se longe do domínio do selvagem e dentro de um espaço seguro, protegido, preservando-se assim no ambiente privado, “tal qual uma fortaleza sitiada” (DUBY, 2009, p. 20). Esse lugar é o espaço familiar da casa. “A vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa” (BACHELARD, 1988, p. 26).

Se a casa representa conforto, morada, útero que acolhe, o espaço da rua era visto como um domínio selvagem, estrangeiro. Se ao privado pertencem os seres e as coisas abrigados no círculo da família, a rua pertence ao domínio dos não familiares, dos *estranhos*. E, portanto, um lugar em que a desconfiança deveria prevalecer (DUBY, 2009, p. 22).

Mas, ao mesmo tempo, a rua passa a sinalizar um mundo repleto de acontecimentos cotidianos que convida o indivíduo a uma existência mais vasta, mesmo que desprotegida. Na intersecção entre estes dois territórios, as aberturas da casa (portas, varandas, janelas) são como as galerias benjaminianas de Paris do século XIX a aplacar o medo e fazer a transição. A janela converte-se, então, em uma metá-

fora do olho que transita entre o mundo de dentro e o que se descortina aleatoriamente do lado de fora da casa. “Pela janela do poeta, a casa entabula um comércio de imensidão com o mundo. Também a casa dos homens se abre para o mundo...” (BACHELARD, 1988, p. 58).

Vários são os escritos que partem desta perspectiva híbrida e que se dão no parapeito da janela. Cecília Meireles (2016), por exemplo, na crônica “A arte de ser feliz”, declara com saudade que “houve um tempo em que minha janela se abria / sobre uma cidade que parecia ser feita de giz”. Após descrever várias situações corriqueiras desencadeadoras de “pequenas felicidades”, aproxima a janela do próprio olhar que precisa aprender a ver as coisas do mundo. E aí a janela se torna o símbolo da consciência, um portal para a compreensão do mundo.

Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem, outros que só existem diante das minhas janelas, e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.

A personagem Joana do primeiro romance de Clarice Lispector, “Perto do Coração Selvagem”, também abre a janela para em última instância olhar para dentro de si mesma: “Olho por essa janela e a única verdade, a verdade que eu não poderia dizer àquele homem, abordando-o, sem que ele fugisse de mim, a única verdade é que vivo” (LISPECTOR, 1990, p. 28)

No conto de Hoffmann (2010) “A janela da esquina do meu primo”, publicado postumamente em 1822, os personagens dirigem o olhar para a rua, mas o fazem a partir da janela. A narrativa gira em torno de um escritor inválido que observa a vida passar numa praça movimentada de Berlim. Ao receber a visita de seu primo, os dois passam a olhar a vida pelo parapeito, descrevendo minuciosamente

os tipos que por ali passam: “Essa janela é meu consolo, aqui a vida alegre ressurgiu para mim e eu me sinto reconciliado com o movimento incessante que me proporciona. Venha, primo, dê uma olhada para fora!” (HOFFMANN, 2010, p. 13), convida o escritor.

E poderíamos acrescentar a perspectiva de quem olha de fora para dentro, como neste poema de Baudelaire (2006) chamado precisamente “As janelas”:

Aquele que olha de fora através de uma janela aberta, não vê nunca tantas coisas quanto aquele que olha uma janela fechada. Não há objeto mais profundo, mais misterioso, mais fecundo, mais tenebroso, mais radiante do que uma janela iluminada por uma candeia. O que se pode ver à luz do sol é sempre menos interessante do que o que se passa por detrás de uma vidraça. Neste buraco negro ou luminoso vive a vida, sonha a vida, sofre a vida.

Olhando de dentro para fora ou de fora para dentro da casa, a janela significa um espaço fronteiro, uma passagem no sentido benjaminiano, entre dois extremos aqui representados pela casa e pela rua. Afinal, “não há escritor que não partilhe dessa condição: uma criatura de fronteira, alguém que vive junto à janela, essa janela que se abre para os territórios da interioridade” (COUTO, 2005, p. 60).

Mario Quintana (2006, p. 85) também se deixa embeber pelo que avista da janela para compor a “página deserta” no poema intitulado precisamente “Escrevo diante da janela aberta”:

Escrevo diante da janela aberta.
Minha caneta é cor das venezianas:
Verde!... E que leves, lindas filigranas
Desenha o sol na página deserta!

A janela converte-se aqui no símbolo da receptividade, da abertura para as influências vindas de fora, da entrada da luz, dos sons e da cor. Como diz Bachelard (1988, p. 299) a respeito de um poema de André Pieyre de Mandiargues, “o poeta, como tantos outros, so-

nha atrás da vidraça”.

É pela vidraça, protegido das intempéries e dos riscos que a rua poderia provocar que o poeta perscruta a fisionomia do seu tempo. Tenta decifrá-lo, lê-lo para escrever suas impressões na folha cujo depositário será invariavelmente a rigidez do livro com sua capa dura, sua pretensão à imortalidade nas prateleiras do colecionador dentro de um gabinete de escrivaninhas sólidas e de amplas janelas para fora.

Para Mario Quintana (2005, p. 855), no poema “Hoje é outro dia”, a própria janela converte-se numa metáfora do livro:

Quando abro a cada manhã a janela do meu quarto
É como se abrisse o mesmo livro
Numa página nova...

A metáfora da janela como um livro que deixa entrar as histórias do mundo encontra seu contraponto na caminhada do *flâneur* pela cidade e na descoberta de um outro tipo de narrativa que deveria agora dar conta deste olhar de passagem. Um olhar que penetra no espaço da urbe, investiga os tipos que por ela percorrem, adentra nas calçadas e becos enviesados, um olhar itinerante.

Para um olhar que não olha do parapeito da janela imóvel, mas deambula pelo espaço público da rua, só mesmo outro tipo de texto também arruado cuja veiculação só poderia se dar no jornal: a crônica. E só poderia mesmo forjar outra atitude por parte do escritor, que da imobilidade do lar penetra impassível na rua. A rua converte-se numa morada. “A rua se torna moradia para o *flâneur* que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes” (BENJAMIN, 1994, p. 35).

Se o olhar chegou até a janela, não iria demorar para que transpusesse o umbral da porta para chegar à rua. No contexto europeu, Benjamin (1994) documentaria esta passagem ao falar dos fisiologistas que escreviam pequenos livros de bolso para consumo das massas dissecando aspectos da cidade até então ameaçadora. Depois dos fisiologistas com sua literatura ingênua surgiriam os *flâneurs* que poderiam assumir várias identidades, como o detetive, o produtor cultural e até o jornalista. Esse último seria a forma eficaz que o *flâneur* descobriria para poder vender sua força de trabalho, essa sendo a contemplação e a escritura dos bulevares. Uma escritura talhada no asfalto.

Aqui no Brasil a crônica assumiria esta nova perspectiva do olhar que não advém mais de dentro da casa para fora através da proteção da janela, mas um texto que se inscreve na medida em que o escritor deambula pela cidade, seja a pé, de trole ou de bonde. Ninguém mais emblemático nesta nova dimensão do olhar que o escritor carioca João do Rio, este pedestre da poesia da observação que extrai o insumo para os seus textos precisamente praticando a *flânerie* como um esporte. “Para compreender a psicologia da rua (...) é preciso ter espírito vagabundo, é preciso ser aquele que chamamos *flâneur* e praticar o mais interessante dos esportes – a arte de flunar” (RIO, 2011, p. 31).

E para que esta nova formatação do olhar encontrasse guarida haveria de surgir um texto que também vê fragmentado, sem a semântica linear do livro. A crônica se converte, então, nesta literatura *limiar*, numa porta ou janela que interliga a vida doméstica (o livro) dos escritores à zona insondável da rua (o jornal). Era necessário ao

escritor que transpusesse esta porta adotar um tom mais ligeiro, coloquial, próximo à fala praticada nas ruas da cidade que se industrializava. E a crônica, com sua linguagem mais simples para o consumo cotidiano das camadas alfabetizadas do país no período, foi uma forma oportuna de passagem entre o livro e o jornal. Não é à toa que, como a própria etimologia revela, a crônica (do grego *chronos*) faz parte da história do tempo, trazendo nela os assuntos do momento, mesclando comentário e informação, e aclimatando-se perfeitamente ao jornal em detrimento à forma “lenta” e arcaica do livro (SANTOS, 2013). A própria forma do jornal, com suas seções, editorias, textos curtos e páginas justapostas, rompe a linearidade do livro assemelhando-se mais ao olhar distraído do pedestre que circula pelas ruas de uma grande cidade. Um olhar que não se fixa, não se concentra, que é seduzido pelo novo (*news*) a cada esquina.

Um olhar que caminha, que traduz a cidade não mais no imobilismo do umbral da janela, mas que adentra pelos becos, esquinas, cafés, transportes públicos, imerge na multidão. Um olhar que tem pressa. Que retira deste espaço público toda a matéria-prima que em última instância será devolvida ao público não mais a partir da casa protegida da palavra (o livro), mas através do veículo móvel da novíssima literatura: o jornal. E aí a caminhada pela cidade adquire importância fundamental. “É sabido que, na *flânerie*, as distâncias dos países e dos tempos irrompem na paisagem e no momento” (BENJAMIN, 1994, p. 189). O caminhante da supermodernidade age como um *flâneur* que, na acepção benjaminiana, é o poeta que vagueia pelas ruas urbanas lutando contra a dissolução da individualidade do sujeito e contra a perda da capacidade de olhar criticamente, recuperando para si a cidade.

O jornalista que emerge do asfalto adquire sem dúvida tal ca-

pacidade de ver e assim como descreve João do Rio torna-se um “pedestre da poesia da observação”. O cronista carioca considerava o *flâneur* um ingênuo porque, “conhecendo cada rua, cada beco, cada viela, sabendo-lhe um pedaço da história, (...), acaba com a vaga ideia de que todo o espetáculo da cidade foi feito especialmente para seu gozo próprio” (RIO, 2011, p. 32). Mas um ingênuo complexo, curioso, que reflete, que pensa, que documenta o que vê. “Quando o *flâneur* deduz, ei-lo a psicologar, ei-lo a pintar os pensamentos, a fisionomia, a alma das ruas” (RIO, 2011, p. 33).

Se João do Rio aproxima o *flâneur* da poesia, Arantes (2000) também vê similitudes entre os passos do caminhante e a enunciação. “Os passos do caminhante atento não costuram simplesmente, uns aos outros, pontos desconexos e aleatórios da paisagem. Ele se arrisca, cruza umbrais, e, assim fazendo, ordena diferenças, constroi sentidos, posiciona-se” (ARANTES, 2000, p. 119). E completa:

Caminhar pela cidade é decifrar aos poucos, e pelo movimento, um palimpsesto. Reconhecendo e colocando em relação recíproca textos anteriormente escritos a muitas mãos, o transeunte vivifica o resultado um trabalho social, graças ao qual se mantêm, pontilhando o tecido urbano, alguns fragmentos que perduram. Outros marcos, por processo análogo, apagam-se (ARANTES, 2000, p. 120).

Da mesma forma para Certeau (1994, p. 177-178), o caminhante atualiza a ordem espacial composta de possibilidades e proibições. Ele transforma em outra coisa cada significante espacial, selecionando, deslocando, desviando, atualizando os lugares, suas permissões e interditos. “A caminhada afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita etc., as trajetórias que ‘fala’” (CERTEAU, 1994, p. 179), não se podendo, portanto, reduzi-la a seu traçado gráfico. A caminhada seria então um espaço de enunciação, o que fez com que o autor visse pa-

ralelismos entre a enunciação lingüística e a enunciação pedestre.² Tal enunciação criaria “algo descontínuo, seja efetuando triagens nos significantes da ‘língua’ espacial, seja deslocando-os pelo uso que faz deles” (CERTEAU, 1994, p. 178).

Featherstone (1996, p. 186), na mesma direção, assinala que o *flâneur* não seria apenas aquele que perambula pela cidade. A *flânerie* seria um método de leitura para extrair sentidos da cidade e também um método de escrita, de construção dos textos. Algo sobre o qual Benjamin entendia muito bem, uma vez que não só investigava a cidade, mas também a usava como princípio organizador de seu material: “O texto é a cidade” (FEATHERSTONE, 1996, p. 186).

E a cidade acelera-se em vertiginoso movimento, aumentando o ritmo do passo do cronista e a escritura produzida por ele. Tanto que a experiência do movimento contaminou a escritura da virada do século XIX para o XX e estaria presente em vários suportes técnicos do período: nos transportes públicos cada vez mais velozes, no acontecimento humano sintetizado num *flash* fotográfico e depois tornado movimento pela técnica cinematográfica e em tantas outras experiências.

A linguagem escrita, portanto, passaria a ser mais ligeira, direta, renunciando o novo ofício que se afigurava no horizonte: o exercício do jornalismo diário. Se a janela é vista aqui como metáfora do livro, então o jornal representaria o fluxo de sujeitos e fatos pelas ruas da cidade. Se o indivíduo em solidão é o lugar por excelência do

² Já Arantes aproximaria o *flâneur* do pesquisador de campo. Na concepção do autor, o *flâneur* agiria como o pesquisador moderno que tal qual o explorador de cidades benjaminiano “esconde-se atrás das paredes do anonimato (oferecidas pela teoria social) e, ao mesmo tempo, expõe-se a essa ‘embriaguez anamnésica’ que acompanha seus passos pela cidade” (ARANTES, 2000). Entretanto, ainda em sua análise, diferentemente do que ocorria com o *flâneur*, hoje, novos espaços, fronteiras e prioridades estariam colocando em xeque o isolamento do caminhante-observador e as suas experiências subjetivas seriam interrompidas e questionadas por seus contemporâneos, colocando-o em permanente relação.

romance, da poesia, então a crônica encontraria morada nas ruas, lugar da coletividade.

Conclusões Preliminares

Vimos que no transcurso do poeta ou do escritor até o olho da rua, prefigurando primeiro o *flâneur*, depois o cronista e mais tarde o jornalista, a linguagem acelerou-se, fragmentou-se, adotou a rua como morada e como tema. Se em começos do século XX jornalistas como João do Rio depuravam o verdadeiro sentido de sua prática na imersão da cidade e no deambular por ela, hoje, em inícios do século XXI, vemos esta prática esgotar-se no imobilismo de outra janela que se abre para o mundo. Mas não mais o mundo real, das experiências compartilhadas no bojo da cidade, nas feiras e praças como na janela do conto de Hoffmann. Esta outra janela abre-se para uma cidade virtual, forjada por infinitas esquinas, sem limitação de fronteiras, sem muradas e geografias definidas.

Featherstone atualiza esta dimensão do olhar dizendo precisamente que a cidade agora sobre a qual o *flâneur* lança seus passos aleatórios é o ciberespaço. E adentramos novamente na dimensão de uma janela similar ao que discutimos na primeira sessão deste artigo. Não mais a janela real, mas a janela virtual (Windows) a postar o escritor novamente no imobilismo físico enquanto desliza o olhar, se não mais pela rua real, partilhada pelos pedestres de carne e osso, pelas dimensões espaciais de uma tela.

Do escritor que olhava a cidade pela abertura da casa ao cronista que transpunha o limite deste umbral para se aventurar na rua, temos hoje uma terceira configuração: o *ciberjornalista*. Este novo tipo contemporâneo assemelha-se ao primeiro que olha o mundo imóvel pela janela enquanto desabita cada vez mais o espaço parti-

lhado da rua. Se quisermos comparar o *ciberjornalista* que recebe toda a informação do mundo em sua casa sem mais se deslocar e o *jornalista-flâneur* que submerge na cidade para dissecá-la, não podemos deixar de compartilhar da mesma percepção de Benjamin. O filósofo alemão compara os personagens do conto de Hoffmann ao homem da multidão do conto de Poe e decreta a superioridade do segundo em relação ao primeiro.

Mas quão acanhado o olhar deste que observa a multidão instalado em domicílio, e quão penetrante o daquele que a fita através das vidraças do café. (...) De um lado, o homem privado; senta-se na sacada como num balcão nobre; se quer correr os olhos pela feira, tem à disposição um binóculo de teatro. Do outro, o consumidor, o anônimo, que entra num café e que logo, atraído pelo magneto da massa que o unge incessantemente, tornará a sair (BENJAMIN, 1994).

Não nos deteremos aqui nas dobras deste processo, nos movimentos emancipatórios que se valem dos recursos das tecnologias modernas para propor uma narrativa no moldes das grandes reportagens imersivas do passado, como, por exemplo, projetos desenvolvidos através de financiamento coletivo, como o jornalismo da Pública (Agência de Reportagem e Jornalismo Investigativo / www.apublica.org), priorizando a *flânerie* do repórter no bojo da rua.

Apenas procuramos demonstrar que de uma perspectiva imóvel, amparada no parapeito da janela ou através da vidraça, passou-se ao escritor que submerge na rua a partir da retórica da caminhada. Nesta transposição, neste percurso, toda uma nova linguagem se anunciava da qual a crônica fora apenas uma de suas expressões transformadoras e pioneiras.

Referências

ARANTES, A. **Paisagens paulistanas: transformações do espaço públi-**

<https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>

Macapá, v. 8, n. 1, 1º sem., 2018

co. Campinas, São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BAUDELAIRE, C. **Pequenos poemas em prosa**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

COUTO, Mia. **Pensatempos: textos de opinião**. Lisboa: Caminho, 2005.

DUBY, G. **História da Vida Privada 2: da Europa Feudal à Renascença**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FEATHERSTONE, M. O *flâneur*, a cidade e a vida pública virtual. In: ARANTES, A. (org.). **O espaço e a diferença**. Campinas (SP): Papirus, 2000. p. 186-208

HOFFMAN, E. T. A. **A janela de esquina do meu primo**. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2010.

LISPECTOR, C. **Perto do Coração Selvagem**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

MEIRELES, C. **Escolha seu sonho**. São Paulo: Global Editora, 2016.

QUINTANA, M. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

RIO, J. do. **A alma encantadora das ruas: crônicas**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

SANTOS, J. L. da C. **O colecionador de histórias miúdas: Machado de Assis e o jornal**. Florianópolis: Insular, 2013.

Enviado em 13/07/2017

Aceito em 19/12/2017